

IRMÃOZINHOS

Pseudônimo: JABBERWOCKY

César Geraldo Guimarães

FACULDADE DE LETRAS

Começava com a alça encardida do sutiã aparecendo. O resto era uma banalidade de imagens. Começava assim: o cabelo oblíquo dela dividindo o rosto. Ou então assim: o céu se abaixava demasiadamente, a terra dobrava sua gravidade. Os peitinhos espetavam.

— Abre essa porta, pelo amor de Deus! (Uma mãe é sempre uma coisa raivosa detrás das portas, uma maquininha de chiquetes disparada entre quatro paredes?)

Uma espiral, o desenho deles, você disse, e a língua deslizou pelo redemoinho de pelos que saía do meu umbigo. Mordi fortemente palavras como afago ou náusea. Nessa hora os passos já deviam estar deslizando nervosos pelo corredor.

Mal ouvi os murrinhos na porta (imaginei até a aliança engordurada no dedo dela, veja só) e o estrondo na porta arreventou meus tímpanos. Pensava que os dois tinham apodrecido no álbum da família. Mamãe estava linda, fantasma brilhando a pó-de-arroz, vestindo um robe azul, aquele enebado que combinava com os móveis da cozinha. Uma estrela despenteada envelhecendo no subúrbio.

Não ouvi a última frase que ele berrou (ele só sabia berrar), papai tão lindo, o topete grisalho ligeiramente despenteado, Elvis Presley de rosto bexiguento — porque o golpe na nuca me desligou na hora, só senti a saliva ensopada de uma doçura que apertava. Adstringente, era a palavra.

Um dia fatídico, diria o tio com suas frases de almanaque. Mas isso não foi nada. O pior foi a puta raiva que me veio ao ver que o vestido, mesmo de golinha alta, não esconderia aquelas flores roxas — tudo muito brega — que começavam a me brotar do pescoço.